

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 18 de fevereiro

Continua a lavrar o scisma na igreja ministerial. Já apparecem signaes no céo que annunciam o fim do mundo.

O cambio das notas vai subindo não obstante todas as tranquiernias da agiotagem. O publico sabe que todos os conciliabulos do banco são um jogo para illudir papalvos, são inventos dos accionistas quebrados e ficticios para enterrarem ainda mais os haveres dos accionistas serios e de boa fé.

A união do banco com a confiança é agora motivo de desavenças e que xumes; nenhum dos interessados está satisfeito. As duas quantidades negativas não produziram nada de positivo.

O celebre Lopes de Lima escreveu uma carta ao ex-duque de Saldanha, expondo-lhe a inconveniencia de tal união, e pedindo-lhe que não curasse sómente das cousas da guerra, mas que lançasse os olhos para a administração do paiz, porque os actuaes ministros eram incapazes da sua gerencia. Pelo que vemos o sr. Lopes de Lima é o pai da proclamação cabralista, que ha pouco publicámos.

A desintelligencia entre os caudilhos dos diversos bandos é tal que tem estado a ponto de virem ás mãos — um diz que ha de sahir para a rua com a sua batalhõa e acclamar o Cabral puro; outro responde que lhe irá em cima, e que o ha de escangalhar, em fim, na fraze de Milton, é

A infantaria dos pigmeus que em Thracia
Com os grous sustentou renhida guerra.

Estes saltimbancos iam, como de costume depois de 6 de outubro, para o paço fazer as suas orgias. A gente das Necessidades não podendo já aturar o mau cheiro d'aquelles arrôtos, mandou dizer pelo seu moxilla a um dos taes saltimbancos que se puzesse immediatamente no

olho da rua, que nem todas as noutes eram de patuscada como a de outubro, e que não voltasse a palacio a horas mortas, mas sómente em occasiões publicas e solemnes.

Diz-se do pobre pé-fresco que sahira — envergonhado não, que não é homem para isso, mas raivoso; e que jurára sobre a pata d'uma cabra de Algodres tomar desforra tão completa como cumpre a um plebeu que não o quer ser, e que trocára todos os titulos de peão pela honra de limpar a manjedoura da real cavallariça.

Não são conjecturas estas nozças asserções — são factos sabidos e averiguados; vemo-los confirmados no *Commercio* periodico de Cadiz de 6 do corrente, o qual é orgão de José Cabral. N'essa folha diz-se o seguinte:

« Desgraçadamente o ministerio actual do reino visinho, ou alguns dos seus individuos, não inspiram a necessaria confiança ao partido que o sustenta, e cuja união é agora mais necessaria que nunca. »

As reflexões do jornalista são bebidas n'uma correspondencia de Lisboa, da qual copiaremos os trechos seguintes:

« Reina em Lisboa o melhor espirito a respeito dos assumptos militares; mas em geral não ha confiança alguma no governo, contra o qual, e especialmente contra algum dos seus membros se vai notando no publico muito desgosto. Suppõe-se, que Sousa Azevedo está em relações secretas com o famoso duque de Palmella, e ligado com o agiota Roma e outros para absorver a fortuna do paiz. N'este sentido appareceram affixadas nas esquinas das ruas e em diferentes sitios publicos varias proclamações manuscriptas e tambem impressas. D'estas ultimas arranjei uma que remetto a V.

« Talvez este desgosto geral produzirá em resultado alguma mudança ou modificação minis-

terial. Entre outros indicam-se como candidatos para o gabinete o marquez de Fronteira, o conde do Tojal, Falcão e o conde de Villa Real.

« Para que V. possam julgar bem das causas do desgosto publico devem lêr o *Diario* de hontem, no qual o actual ministerio, depois das pomposas promessas que fez de melhorar o credito, não tem difficuldade de dizer que carece de meios, e que o crédito está completamente abalado.

.....
 « Esquecia-me dizer que o governo assignára um decreto com data de 29 de janeiro abolindo as duas decimas impostas sobre o juro da divida externa; porém deixando em pé as mesmas duas decimas sobre a divida interna e vencimentos dos servidores do estado. Este decreto ainda não se publicou, e é natural que augmente a effervescencia contra o ministro da fazenda pela immoralidade, que envolve tal medida. »

D'aqui se tira a origem da proclamação, e se vê todo o fundo das ambições nascentes.

Mas que nos importam a nós todos esses instrumentos vis d'uma côrte ainda mais vil? Não trouxemos isto senão para deixar bem consignada a desintelligencia, que vai devorando estes desalmados, e colligirmos as provas da prevaricação d'esse ministerio immoral e corrupto accusado não só pelos seus contrarios, mas pelos proprios correligionarios.

Ahi estão esses homens vendendo a patria. Ahi se diz que o ministerio absorve a fortuna do paiz. Ahi se diz que está assignado o decreto immoral para a revogação das duas decimas! Não somos nós os que o dizemos, são os cabralistas.

E depois d'isto queixa-se o ministerio do abandono do paiz! Chora porque até já não ha quem lhe queira acceitar os empregos! Accusa o povo de indifferentismo, as massas de ignorantes, e os proprietarios de neutraes entre a républica e a monarchia!

Oh! como é eloquente essa linguagem dos factos que o governo cita! Como é exacta a proposição de que o povo tomára o ascendente nas cousas publicas! Ahi esta confessado que a maioria nacional esposa a nossa causa e rejeita a dos empalmadores.

Sim, é d'essa sorte que o povo vos responde. E' -lhe indifferente o throno, porque a pessoa que o occupa não quer ou não sabe satisfazer ás condições da sua existencia.

Uma forma social é legitima só com duas condições. E' necessario que melhore ao mesmo tempo o individuo e a sociedade.

E o fraco, o infeliz tem obtido algumas vezes justiça? A tyrannia póde supportar-se quando se acha no meio da sociedade uma força publica ou particular com poder e vontade de fa-

zer respeitar os direitos de cada um. « Se o rei o soubesse » dizia o escravo da idade media, e esperava. A rainha hoje sabe tudo, e a justiça não vem! Aquelles escravos eram mais felizes, porque tinham a fé e a esperanza, que a nós nos fallece!

A rainha sabe-o! Para fazer mal attende a todos os intrigantes: para ser clemente desculpa-se com os seus ministros. Para accender a guerra no paiz abre de noute as portas do seu palacio; para não se incomodar com as lagrimas das victimas fecha-as de dia!

« Que me importa? Tenho os meus bens haja monarchia ou republica; governe este ou governe aquelle. » Eis aqui a resposta que, segundo o *Diario do Governo*, o paiz dá á suberana. E' bem feito! Estaes vingados, martyres da mais santa das causas. Em quanto o paiz vos chora a vós, responde aos vossos oppressores batendo-lhes com as portas na cara — « Que me importa? »

Sim! que lhe merece essa rainha e esse governo? Estão sós no meio do paiz. Elles o dizem, e depois insultam — dizem que o povo está sempre propenso para o mal!

Está? E vós? Mas esse povo é generoso, e vós sois tyrannos.

Graças a Deus que o *Espectro* já não fica tambem sem ser vingado. A rainha chama pelo paiz e elle não ouve. Tambem nós chamámos já por ella, e ella não nos ouviu. Bem hajás tu, *Diario* de 13 de fevereiro, que revellaste aos teus uma verdade, que nós tantas vezes haviamos proclamado, e que talvez nem todos crêram. A convicção agora é universal.

Já cobrámos alento. As viboras devoram-se umas ás outras. O reinado da tyrannia está a expirar.

Espalharam por ahi hontem os novelleiros do governo que o Casal tinha batido não sei quem, e que o talentoso Ximenes assim o havia escripto — que em consequencia de tão fausta nova ia sair supplemento, para o que estavam a postos compositores, impressores e distribuidores. Os papalvos apinhavam-se na loja do *Diario*, os homens sérios riam-se; que a seriedade exprime ás vezes por um riso a compaixão, que tem de tanta miseria.

Quando hoje se esperava o parto da montanha, que tinha dado tamanhos urros, appareceu o rafinho nas columnas do *Diario*. Tinhamos dito ha dias que o velho Povoas estava cercado, ante-hontem escreveram que a sua retaguarda fora apanhada, e hoje! (ó milagre da Providencia) confessam que elle fugira! e que o 8 de cavallaria e 10 de infantaria vão para os seus destinos!

A verdade é que o velho general tem brincado com os tartufos, e que em logar de o perseguirem fogem d'elle por se lhe haver reunido

muita gente. O velho general é o que mais incommoda o Saldanha.

Não dissemos ha dias que esperaveis no seguinte correio noticias de o haverdes morto? Não escrevestes ante-hontem que o havieis derrotado? Aonde foi o ataque?

O Shwalback fugiu precipitadamente de Arrayollos assim que soube da prisão da sua columna da direita. Não se sabe aonde foi parar. As auctoridades cabralistas do Sul fogem todas. Diz-se que as forças populares cobrem já quasi todo o Alemtejo, e breve vem bater ás portas da capital.

O governo queria mandar gente para o Sul, mas nem tem gente, nem quem a commande.— Todos os seus officiaes se dão por doentes. Os soldados tem medo, porque dizem que vão para o matadouro; e era preciso arranjar uma noticia de derrota nossa para ver se os medrosos ganhavam animo.

Os impostores hoje andam cabisbaixos, e formam ministerios, porque dizem que este não presta.

E tem razão. Mas os successores que lhe dão não são melhores.

O *Diario* deu-nos ha dias a noticia de que o administrador do concelho de Samora prendêra uns trinta e tantos desertores que parece tomavam o caminho de Evora. Nós agora dar-lhe-hemos outra não menos interessante, e vem a ser—que esse administrador foi agarrado por uma forte partida de populares no dia 12 do corrente, e levado para Evora com uns nove dos seus cabos de policia para responderem por aquelles patriotas, que entregaram ás varas do Sedvêm.

Por noticias d'aquella villa sabemos que uns 60 soldados armados e commandados por dois officiaes entraram alli pelas oito horas da manhã do dia 12, prenderam o administrador do concelho e 9 cabos de policia, pedindo-lhes contas dos seus altos feitos. O administrador resistiu, mas a final cedeu, e foi marchando a pé entre aquella força para Evora.

Foi esta uma boa lição, que sem duvida fará com que aquelles magistrados aprendam a respeitar o partido popular.

Já publicámos no ultimo numero do *Espectro* as noticias que recebemos do Porto, mas foi-nos mostrada uma carta d'aquella cidade escripta em fórma de *diario* com tanta imparcialidade e circumspecção, que aproveitamos muitos dos seus periodos, sentindo que as dimensões d'esta folha não nos consintam publica-la toda. Ei-los ahi:

Fevereiro, 5.

... «Os cabralistas aqui negaram a adherencia do Povoas, e davam como falsa a procla-

mação d'elle. Felizmente o governo pelo seu *Diario* confessou a verdade...

«O Almargem saiu do Porto no dia 2 e foi pernoitar a Famalicão. Alli com as forças que lá tinha deixado da primeira vez reuniu o batalhão todo de caçadores 7, 317 praças do 1.º batalhão d'artistas do Porto, e cousa de 100 cavallos, e com esta força marchou ás 10 horas do dia 3 para Braga, aonde entrou pelas tres horas sem resistencia e no meio das acclamações do povo.— Os miguelistas que alli estavam, abandonaram e foram reunir-se a Guimarães.

«No dia 3 saiu do Porto o conde das Antas para Famalicão com infanterio 2 e 12, caçadores 2, e 80 cavallarias e 37 lanceiros. A organização do exercito aqui continua com actividade. Tem-se apresentado quasi todos os soldados de Torres Vedras. Os povos das aldêas em Villa Nova de Famalicão corriam a vêr a tropa e a victoria-la.»

Fevereiro, 6.

«Acabam n'este momento de apresentar-se aqui cinco soldados de infanteria n.º 1—com um furriel d'Agueda...

«Não ha duvida da morte do Mac-Donell, acutilado depois de prisioneiro pela cavallaria do Vinhaes. Lamento esta desgraça como homem, mas estimo-a bem como portuguez e como politico, porque com tal bando, que não representava o partido realista, e com o qual a junta nenhuma reunião tinha feito, não havia transacção possivel e honrosa. Essa morte fez acabar esse partido armado que tanto mal nos havia feito, tolhendo-nos recursos das provincias do norte, quer de dinheiros, quer de gente.

«O bloqueio appareceu, mas assim mesmo tem entrado embarcações; e no dia 2 entraram seis, cinco das quaes eram carregadas de bacalháu. Só estas cinco dão immediatamente pelo menos, 20 contos de réis á alfandega. Alguns outros com fazendas teem entrado.

«Os cinco prisioneiros do Castello da Fóz vão ser transportados para as cadêas da Relação, e já se lhes estão preparando os quartos.

«Hoje vieram entregar-se mais 2 soldados de caçadores 1, vindos do Saldanha.

«Diz o furriel que aqui se apresentou, que alguns soldados ha bons nas forças do Saldanha, e que só a impossibilidade de se passarem para o Porto tem obstado a sua apresentação—que os roubos que aquella tropa tem commettido são immensos, e que os povos por toda a parte fogem para os montes, quando as forças se approximam. Diz mais que o Saldanha faz espalhar que o Povoas traz consigo apenas 300 homens mas desarmados; com tudo que elle (o furriel) conhecera e observára que o pronunciamento de Povoas e as suas forças é cousa que muito inquieta o Saldanha, e lhe dá serio cuidado; e que mais suppõe, por cousas que

vira e ouvira que essas forças do Saldanha voltariam para Coimbra a fazer-se alli fortes.»

Fevereiro, 7.

«Agora acabo de fallar com um homem da Régua. Affirma elle, por ter visto, que a força do Mac-Donell dispersára toda, e que a maior parte viera armada pela provincia abaixo entregar-se uma a Penafiel ao Cesar de Vasconcellos, e outra ao brigadeiro Bernardino a Friamunde, para servirem a causa da junta do Porto. Eis como essa força veio engrossar as nossas sem convenio, e eis o serviço relevante que o Vinhaes, sem o pensar, nos fez! Na minha opinião desde o 1.º d'este mez temos mais uma força armada de 1:000 a 1:200 homens. A bandeira que se levantára por D. Miguel cahio, e hoje ha só uma bandeira, a nacional, contra o despotismo e vileza da côrte.»

Fevereiro, 8.

«Algumas forças populares que temos nas provincias continuam a prestar bons serviços á nossa causa. Uma d'estas forças em Rezende acaba de desbaratar uma partida cabralina, aprisionando-lhe o seu chefe Barbado, que se espera aqui nas cadêas da Relação. O brigadeiro realista Magalhães, que já está ao serviço da junta, assenhoreou-se de Celorico da Beira, que estava occupada por cabralistas, batendo esta força completamente.

«O padre João Alvares de Moura, distincto advogado d'esta cidade, e homem respeitavel, que abandonára a sua banca em outubro ultimo indo para Braga reunir-se á junta realista, aonde fôra o redactor da *Chronica* officia de Guimarães á junta do Porto offerecendo-lhe os seus serviços a favor da causa nacional. Conto isto para provar o serviço que o Vinhaes fez á nossa causa dando cabo de Mac-Donell. Hoje todos quantos com armas, ou por qualquer fórma, ajudaram essa revolta miguelista, por necessidade, por interesse da propria conservação, veem ligar-se a nós. Eis por tanto uma liga sem convenio. Digam os cabralistas que nós commettemos a acção deshonrosa de nos ligarmos com os miguelistas. Nós não fizemos mais do que empregar maneiras para os desarmar e attrahir ao nosso campo, ou neutralisar alguns cavalheiros que poderiam ajuda-los. O resto foi feito pelo Casal e pelo Vinhaes.»

Fevereiro, 9.

«O Antas passou-se com a sua força de Fa-

malicão para Barcellos, mas tambem já deixou esta villa e passou para Braga.

«A força do Casal occupa Vianna e Ponte de Lima. N'esta posição está a cuberto e tem a sua retirada franca para Valença. Creio por tanto que breve o conde das Antas voltará ao Porto, deixando forças em Braga que possam obstar á passagem do Casal para Traz-os-Montes; passagem que me consta elle Casal tem ordem de effectuar.

«Com effeito o brigadeiro Bernardino occupou já Guimarães, e a ella se juntaram os populares de Fafe, que estavam na sua terra (Fafe) ha dias, e os de Guimarães, que d'aqui sahiram no dia 6. As forças realistas, que estavam occupando a villa, ainda por D. Miguel, cederam de má vontade, mas cederam. Uma parte (menor) ficou ao serviço da junta do Porto, incorporando-se ás forças que Bernardino levou, e outra parte (a maior) recolheu a suas casas. Houve um ligeiro conflicto por causa dos laços vermelhos, que os não queriam tirar, mas por fim accommodaram-se e tiraram-nos.»

Fevereiro, 10.

«Vou fechar o meu diario porque vai fechar-se logo a malla do paquete. Lêa a carta do Lopes de Lima no *Nacional* de hontem. Nada tenho que dizer-lhe de noticias hoje, porque nada posso adiantar. O Saldanha hoje pouca força tem entre Agueda e o Vouga, porque tem destacado a maior parte d'ella em perseguição dos valentes que o velho general Povoas comanda.»

COINCIDENCIA HISTORICA

No reinado de D. João II de Portugal são bem sabidas as mortes de D. Fernando, duque de Bragança, de D. Diogo, duque de Vizeu, e as prisões de muitos fidalgos.

Na ultima scena d'esta tragedia teve um distincto logar de quadrilheiro o capitão de ginetes, Fernão Martins Mascarenhas, ascendente da actual casa de Fronteira.

No seculo XVIII D. José I descendente do duque de Bragança, D. Fernando mandou estrangular o duque de Aveiro, descendente de D. João II, e no seculo XIX o marquez de Fronteira é intendente geral da policia em Lisboa!!! Acaba por onde começou, porque não tem successão masculina.

O ESPECTRO

Lisboa, 20 de fevereiro

O vapôr de guerra hespanhol *Blasco de Carai*, chegado hontem de Vigo, trouxe noticias importantes. As forças do ex-conde do Casal foram completamente derrotadas, e elle fugiu precipitadamente para Valença. Não sabemos os detalhes circumstanciados da acção, mas referiremos o que dizem pessoas que vieram no mesmo vapôr.

O barão do Almargem atacou a Ponte da Barca, o conde das Antas Ponte de Lima, aonde se achava o chefe dos rebeldes. Ambas as pontes foram immediatamente forçadas. Dizem uns que a força rebelde da Barca fôra perseguida pelo barão do Almargem até Melgaço, aonde entrára na Galliza, deixando em nosso poder 200 prisioneiros; e que a de Ponte de Lima fugira para Valença. Dizem outros que as duas forças se reuniram, e passaram em Melgaço para Galliza por não poderem entrar em Valença. Outros em fim melhor informados dizem que o governo recebêra participações de Vigo nas quaes se diz que o Casal entrára em Valença inteiramente derrotado, e que levavam sómente 200 praças

O conde das Antas depois de destroçar o inimigo cahiu sobre Vianna, aonde entrou depois de alguma resistencia, aprisionando 200 soldados, e o brigue *Vouga* que alli se achava fundeado.

Esta noticia lançou o desalento e a consternação nas fileiras ministeriaes: os cabralistas ficaram transidos. O governo não pôde negar a derrota; e tendo-nos dado ha dous dias a noticia do ex-Casal haver guarnecido o rio Lima, diz-nos hoje que se acha em Valença d'onde « sahirá depois que souber que o Minho está pacifico, e depois que conhecer as operações das forças populares... » Por isto inculca o governo que o seu caudilho estando em

Vianna fugira para Valença apenas soubera que o iam procurar, e já é tão fraco que em lugar de ir pacificar o Minho, declara que não sabe da *cova do lobo e poterna de Gaviarra* em quanto houver barulho cá por fóra.

O triunfo, que as armas leaes obtiveram, não nos surprehende porque contavamos com elle. Sabiamos que o assassino d'Agrella não venciam senão pela traição; mas nem todos se vendem como elle.

Dizem os cabralistas que as forças populares só esperavam a aproximação do ex-Casal para se passarem. Como aquelle cabecilha fugiu do Porto, fomo-lo nós procurar — faziamos gosto de lhe ir entregar aquellas tropas com que elle tanto contava, mas o fanfarrão não quiz esperar os cumprimentos d'ellas, e os que os esperaram, conheceram como era ardente o desejo de trocar o timbre dos homens livres pelo saio-te do escravo.

Limpo o Minho d'aquelle bando de salteadores fica só em campo o *perito* Saldanha. O velho Povoas nas Beiras picando lhe a retaguarda, o conde de Mello no Alemtejo com os seus *leaes* praticando prodigios de valor, o Algarve em massa fornecendo homens e dinheiro, o Porto — esse Sansão da liberdade — que por si só faria tremer o despotismo — quem poderá resistir a tantas forças reunidas?

As intrigas já vão roendo o ministerio. Uns empurram os outros. Agora queixam-se do Sousa Azevedo porque rouba tudo, porque assigna decretos por dinheiro, logo queixam-se do Saldanha que devora todos os recursos do paiz; e no entanto o agio das notas a subir, e as forças do Galamba passeando por Aldêa Gallega, e dando a lei no Alemtejo em quanto o Shwalback não se atreve a sair de traz das muralhas que o defendem!

A patria vai ser livre. Felicitemo-nos com os bravos que a libertam.